



## Maracatu raízes de pai Adão: identidade, memórias e relatos

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SA-3. Etnomusicologia

*Mirty Kátly Da Silva Souza*  
Universidade Federal de Pernambuco  
[mirtyk94@gmail.com](mailto:mirtyk94@gmail.com)

*Amilcar Almeida Bezerra*  
Universidade Federal de Pernambuco  
[amilcar.almeida@ufpe.br](mailto:amilcar.almeida@ufpe.br)

**Resumo.** Fundado em 1998, o maracatu nação Raízes de Pai Adão pode ser considerado um maracatu recente quando comparado com as agremiações mais antigas do gênero. Contudo, é considerado um maracatu tradicional por seus membros, graças a determinadas características que tangenciam sua relação com a religiosidade e com a ancestralidade de matriz africana. Neste trabalho, identificamos em relatos de dois de seus principais integrantes quais os elementos, segundo eles, que caracterizam o maracatu Raízes de Pai Adão como uma agremiação tradicional. Para balizar nossa discussão, agenciamos conceitos como identidade cultural e memória coletiva além de uma bibliografia específica sobre os maracatus do Recife

**Palavras-chave.** Maracatu nação, Maracatus recentes, identidade, memória

**Maracatu raízes de pai Adão: Memories and stories**

**Abstract.** Founded in 1998, the maracatu nação Raízes de Pai Adão can be considered a recent maracatu when compared to the older associations of the genre. However, it is considered a traditional maracatu by its members, thanks to certain characteristics that affect its relationship with religiosity and with the ancestry of African origin. In this work, we identify in the reports of two of its main members which elements, according to them, characterize the maracatu Raízes de Pai Adão as a traditional association. To guide our discussion, we use concepts such as cultural identity and collective memory, in addition to a specific bibliography on the maracatus of Recife.

**Keywords.** Maracatu Nação, New maracatus, identity, memory

### Introdução

O Maracatu de Baque Virado<sup>1</sup>, registrado como patrimônio imaterial do Brasil no ano de 2014, também conhecido como Maracatu Nação é uma manifestação cultural negra brasileira, com forte presença no estado de Pernambuco, principalmente na cidade do Recife e

---

<sup>1</sup>Guerra-Peixe “categoriza” em dois os maracatus. O de baque virado, ou nação e o de baque solto, também citado pelo autor como maracatu de orquestra. Tal diferença foi estabelecida após a análise dos conjuntos musicais e da performance de cada grupo.



em sua região metropolitana, a qual teria seu surgimento nas coroações de reis e rainhas do congo<sup>2</sup> celebradas pela população de matriz africana.

O folguedo teria aparecido na segunda metade do século XIX, produto de uma espécie de fusão entre as coroações os reis do Congo e os afoxés – a estes por estarem ligados de forma estreita à religiosidade de algumas etnias africanas que aportaram em Pernambuco - (MAC CORD 2008). Em Pernambuco, o último reinado do congo teria sido referenciado em 1848, quando Dom Antônio de Oliveira Guimarães recebeu sua coroa das mãos de um chefe de Polícia (GUERRA-PEIXE, 1980, p.15 e 162). Outra hipótese é que no transcorrer da segunda metade do séc XIX, os maracatus teriam substituído as coroações dos reis do Congo por conta das mudanças sociais e modernizações que se apresentavam em Pernambuco. Alguns autores defendem que neste processo histórico a essência ancestral africana teria sobrevivido no maracatu dito tradicional. Outros dizem que a transformação/evolução gerou um novo folguedo, que, comparado com a sua matriz, era culturalmente alterado. Vale ressaltar que ainda ocorrem cerimônias de coroação de rainhas e reis dos maracatus, momentos estes de grande importância para as nações.

Qualquer das perspectivas de consecução é um tanto problemática já que historiadores mais recentes, como Clarissa Nunes Maia, Marcelo McCord e Ivaldo Marciano de Lima, mostraram que não se pode traçar uma relação genealógica linear entre as coroações de reis negros dos séculos XVII-XIX, e os maracatus. A razão é que, quando em meados do século XIX a palavra “maracatu” começa a aparecer nos documentos históricos, ela não vem junto com coroações de reis negros, mas aparece muitas vezes em jornais como um termo usado para designar de maneira pejorativa, festas de rua que “perturbavam o sossego” de moradores.

Sobre o termo “Maracatu Nação”, podemos pensar como uma conexão deste tipo de maracatu com a diáspora africana, por nos remeter ao conhecido uso desta palavra no contexto do escravismo nas Américas. Durante a vigência do tráfico, a palavra “nação” era usada pelos escravocratas portugueses para designar procedências de negros escravizados trazidos do Continente Africano. Falar em nação, como “congo”, “angola” e “cabinda”, entre outras, por exemplo, designavam proveniência da África Centro Ocidental. Mas o que contava para definir a “nação” de um grupo de escravos era, principalmente, o porto africano onde embarcavam, o qual não era necessariamente o de seu local de origem.

---

<sup>2</sup>Segundo Pereira da Costa (1974) “os reis e rainhas do Congo eram investidos por eleição geral entre os próprios africanos, podendo a escolha recair sobre indivíduos livres ou escravos”

O Maracatu é uma manifestação cultural que passou por períodos de perseguição, decadência, resistência e ressurgimento. Nos anos 80 e 90, também com certa influência do movimento Manguê Beat, se fez possível que Nações de Maracatu voltassem à atividade e outras se fundassem, estas chamaremos de Maracatus Recentes. Vale comentar que no mesmo período em que novas nações de maracatu eram fundadas, também houve o surgimento dos “grupos percussivos de maracatu” que se autodenominam também como grupos de percussão, grupos culturais, para-folclóricos, maracatus fantásticos ou covers (CARVALHO; SANDRONI, 2011).

O Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, fundado no ano de 1998 pode ser chamado de um maracatu recente e será o foco principal deste artigo em que busco trazer um pouco dos discursos do diretor e de uma das damas do paço acerca das memórias da nação, assim como compreender as motivações para a fundação da nação e seus discursos sobre tradição.

### **Sítio de pai Adão e o maracatu raízes de pai Adão**

O Ilê Obá Ogunté<sup>3</sup>, também conhecido como Sítio de Pai Adão, foi fundado por Ignez Joaquina da Costa (Ifátinukè) por volta de 1875, terreiro mais antigo de Pernambuco em pleno funcionamento, terceiro do Brasil, tombado pelo IPHAN<sup>4</sup> em 2018<sup>5</sup>. Além de casa de culto ao Candomblé nagô em Pernambuco, o Sítio de Pai Adão é um importante ponto carnavalesco, onde várias agremiações passam durante o carnaval e ocorrem alguns ensaios para a abertura do carnaval de Recife. “Através de um convênio com a Prefeitura, o Sítio faz parte do roteiro turístico da cidade do Recife.” (SILVA; OLIVEIRA; CAMPOS, 2010, p.677). Segundo Itaiгуara, diretor e “dono” do Raízes de Pai Adão, Ignez teria comprado o terreno e fundado o terreiro. Juntamente veio João Otulú, e Vicentina Joaquina da Costa, tia Vicência, primeira filha de santo da casa. Após o falecimento de Ignez, outros Babalorixás assumiram a liderança do terreiro e Felipe Sabino da Costa (Pai Adão) assumiu a liderança mais adiante. Após Pai Adão, a sucessão da liderança masculina do sítio se dá por meio de laços sanguíneos, de maneira que, foram babalorixás do terreiro: José Romão, Malaquias e, atualmente, Manuel Costa do Nascimento (Manuel Papai).

---

<sup>3</sup> Traduzido do Iorubá – Casa da Rainha Ogunté (Ogunté seria uma “qualidade” da orixá Iemanjá).

<sup>4</sup> Instituto do Patrimônio histórico e Artístico Nacional

<sup>5</sup> Tombado a nível estadual, através do decreto 10.712 de 05 de setembro de 1985 (Pernambuco, 1985). No ano de 2009, foi encaminhado à Superintendência Regional do IPHAN o pedido de tombamento a nível federal, este concedido em 2018.

Não se tem muitas informações sobre Ignez Joaquina da Costa, Brandão fala que “A presença de Inês no cenário dos cultos afro-brasileiros é bastante confusa. Uns a apontam como africana, vinda de Lagos, Nigéria, trazida por ser exímia nos jogos de adivinação (jogos divinatórios), sendo portanto, sacerdotisa de ifá”.(BRANDÃO, 1986, p.178). Roger Bastide fala que “Um único santuário tinha uma tradição verdadeira, o de Pai Adam. Fora fundado por uma antiga princesa da África trazida para o Brasil como escrava, e por causa de sua origem recebeu o apelido de baronesa. (BASTIDE, 1945, p.163).

Sobre Pai Adão, conta-se que foi filho de santo de Ignez e que no período que o mesmo atuou como babalorixá do sítio, desfrutava de grande estima e respeito da parte dos intelectuais que se interessavam sobre os Xangôs de Pernambuco. Muitos dos seus conhecimentos serviram de embasamento para textos clássicos de Gilberto Freyre, Gonçalves Fernandes, Waldemar Valente e René Ribeiro, expoentes da intelectualidade pernambucana e estudiosos dos candomblés locais.

Sobre o papel do Sítio como ponto carnavalesco, o diretor do maracatu relata:

“[...]Todas as agremiações de Água Fria<sup>6</sup> passavam lá no sítio, o sítio é tipo um polo, todas agremiações passavam [...] ia muito o elefante de Dona Santa, ia também o Leão Coroado [...] O Leão Coroado, com a morte de Luiz de França, passou um tempo e ele foi para o Sítio de Pai Adão, o Leão Coroado ficou lá no sítio, e hoje em dia o Leão Coroado só não ficou na mão do Sítio de Pai Adão porque meu primo, Manuel, ele não tinha tempo para poder ficar com o Leão coroado, era muito compromisso com os filhos de santo, com as festas lá do terreiro, aí ele chamou Afonsinho, jogou os búzios lá e passou para Afonsinho ficar à frente do maracatu Leão Coroado, e o Leão coroado ainda chegou a sair com minha família um carnaval [...] não lembro o ano, mas ele passou um bom tempo lá no sítio e depois passou para Afonsinho.”  
(ITAIGUARA, 08/12/2021)

No dossiê INRC do maracatu nação, encontramos o seguinte enunciado que reforça a fala de Itaiгуara:

Mesmo os grupos que foram fundados recentemente, e que não são formados por membros de outros grupos majoritariamente, compartilham dessas memórias, a exemplo do Maracatu Nação Raízes de Pai Adão, cujo fundador, Itaiгуara Felipe da Costa, é descendente direto do famoso Pai Adão. Em seu terreiro, muitos maracatus faziam obrigações religiosas e obrigatoriamente reverenciavam desfilando na frente do Sítio, antes de fazerem outras

---

<sup>6</sup> Bairro da Zona Norte do Recife, nos arredores de Casa amarela.



apresentações durante o carnaval, como fazia Dona Santa, do Maracatu Elefante, e Luiz de França, do Leão Coroado. (INRC do maracatu nação, p.23)

O Maracatu Raízes de Pai Adão foi fundado no ano de 1998 por Itaiguara, juntamente a dois de seus primos, Cosme e Tomé. O Maracatu foi fundado com o intuito de levar à rua um pouco do legado e história da família Sabino da Costa, sendo composto inicialmente apenas por pessoas da família e seus companheiros. O nome escolhido, Raízes de Pai Adão, deriva desse fato, de o Maracatu ser fundado e composto por descendentes de Pai Adão. O diretor do Maracatu conta que foi mestre em bandas de samba reggae, como a *Miscigenação* e a *Ojú Obá*, sempre vira maracatus desfilando, mas não tinha muito interesse. O interesse mudou, segundo seu relato, quando assistiu a apresentações dos maracatus Estrela Brilhante e Porto Rico no Pátio de São Pedro.

Eu no samba reggae ainda, via meus primos tocando maracatu, mas não tinha interesse, e teve um belo dia que eu fui pra *Terça Negra*, aí eu cheguei na terça negra foi a primeira vez que eu tive contato com o maracatu, aí eu vi o Estrela Brilhante, tava lá na época e o Porto Rico, então quando eu vi esses dois maracatus tocando, eu me encantei com a batida das alfaias, do gonguê, do caixa, eu fiquei empolgado, daí em diante eu coloquei na cabeça que ia fundar uma agremiação para **representar o nome da minha família, porque a minha família já é conhecida, o terreiro mais antigo, tombado pelo Governo do Estado, muitos pesquisadores, muitas escolas vão lá para saber a história da nossa família, é uma história muito bonita, e muito importante para a história de pernambuco e de Recife, contribui para a história de pernambuco**, então eu fiz o seguinte, eu olhei e conversei com meu primo, Inaldo costa do nascimento (Cosmo) e meu primo Tomé. Aí eu conversando com meus primos disse, vamos montar uma agremiação, porque a família da gente já é conhecida, mas **vamos manter esse legado, colocar o nome da família na rua**. [...] Fomos falar com minha tia, tia Mãezinha, filha de Pai Adão, tia Mãezinha era viva na época, aí tia Mãezinha conversou comigo e eu disse a ela, filhos de pai adão, netos de pai adão, aí ficou Raízes de Pai adão, aí eu Tomé e Cosmo, a gente fundou em 1998. (ITAIGUARA, 08/12/2021)

O Raízes de Pai Adão teve como seu primeiro rei, Iguaracy Felipe da Costa, neto de Pai Adão e tem como atual rei, Roberto, que é filho de santo de Iguaracy. Em 2018 aconteceu a cerimônia de coroação da Rainha Luciana, momento de extrema importância para uma nação de maracatu, pois além de remeter à memória as coroações de reis e rainhas do congo, traz prestígio ao grupo, reforçando a ideia de tradição e reforça o compromisso da rainha e sua importância para o maracatu, inclusive no sentido da proteção religiosa da nação.



“No período pós Dona Santa, até a década de 1980 não se tem ao certo registros mais detalhados de que alguma rainha de maracatu tenha sido coroada” (OLIVEIRA, 2017, p.141). São poucos maracatus que têm rainha coroada<sup>7</sup>, Oliveira ainda conta que do período de Dona Santa em diante, “as rainhas que se coroaram até hoje, como Elda de Oxossi, do Maracatu Porto Rico, Marivalda, do Estrela Brilhante do Recife, Ivanize de Xangô, rainha do Maracatu Encanto da Alegria (já falecida), Nadja de Angola, do Maracatu Leão da Campina , marcaram a retomada desse ritual.” (OLIVEIRA, 2017, p.142).

### *Identidade e tradição*

Segundo Canclini, a identidade é algo que se narra, e cada projeto de identidade tem uma retórica narrativa própria (CANCLINI, 1997). O enunciado sobre o Raízes de Pai Adão ser um maracatu que visa levar adiante a história da família Sabino da Costa, remete às reflexões sobre que tipo de narrativa fundamenta a ideia de autenticidade e, portanto, o projeto de identidade associado ao maracatu.

A construção de uma identidade é sempre uma redescoberta do passado. Sobre a relação entre memória e identidade, Pollak nos fala:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p. 204)

Pollak chama atenção para este aspecto relacional da identidade, que consiste no fato de que as narrativas representam a identidade do grupo para as pessoas que dele fazem parte, mas também para os outros. Munanga distingue em três as formas de identidade: A identidade legitimadora, elaborada por instituições a fim de compreender sua dominação sobre os atores sociais; a identidade de resistência, produzida pelos atores sociais que se encontram em posições ou

---

<sup>7</sup> A coroação da Rainha Luciana, do Maracatu Raízes de Pai Adão aconteceu no ano de 2018 e, mais recentemente, em Julho de 2022 aconteceu a coroação da Rainha Amanda, atual rainha do Maracatu Encanto da Alegria.

condições desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica dominante e a identidade-projeto, quando os atores sociais constroem uma nova identidade que redefine sua posição na sociedade, com base no material cultural a sua disposição. Ainda nesta linha de pensamento, compreendemos também que “a identidade é diversificada segundo os modos de existência ou de representação, as maneiras de pensar, de julgar e de sentir próprias às comunidades culturais, de língua, de sexo, às quais pertencem os indivíduos e que são irredutíveis às outras comunidades.” (MUNANGA, 2003)

Num mundo em que estamos cada vez mais conectados aos outros pelas tecnologias de comunicação, a consciência dos grupos populares se encontra profundamente afetada pelos fluxos culturais globalizados. “É especialmente aqui, que as revoluções da cultura em nível global causam impacto sobre os modos de viver, sobre o sentido que as pessoas dão à vida, sobre suas aspirações para o futuro - sobre a "cultura" num sentido mais local.” (HALL, p. 18). Para Canclini, é preciso compreender as culturas populares em uma perspectiva dinâmica, na medida em que acompanham as transformações do mundo, e em uma dimensão relacional, ou seja, em suas características de resistência e de negociação com outros grupos sociais e com os setores hegemônicos. (CANCLINI, 1997)

Woodward chama a atenção para a tensão que existe entre os essencialismos e os não-essencialismos identitários. (WOODWARD, 2014, p. 15) . Cabe ao empreendimento de pesquisa compreender como é construída a narrativa identitária e como essa tensão subsiste em seu interior. Ou seja, como se expressa a ideia de essência tradição, ou autenticidade em cada relato e como podemos identificar indícios de uma negociação com outros grupos sociais e instituições hegemônicas na construção desta narrativa. Em suma, o que se negocia e o que não se negocia na formação desta identidade?

Compreendemos que tradição pode ser algo interpretado como um conjunto de práticas herdadas do passado e que segue fazendo sentido no presente, sintetizadas no pensar, no fazer e no viver que se inserem de tal forma na cultura e no dia a dia que, mesmo passado o tempo, transformado o espaço no qual é praticada e renovados os que as praticam, elas ainda têm grande significado e seguem tendo ressonância para os mesmos (SILVA; SILVA, 2009). A tradição pode ser vista também como uma preservação de aspectos do passado que vão se mostrando eficazes nas dinâmicas socioculturais cultivadas.

O Raízes de Pai Adão, embora sendo um maracatu recente<sup>8</sup>, obteve sucesso em ser reconhecido como um maracatu tradicional, questão levantada também em entrevista ao diretor do maracatu, perguntando o que leva este maracatu a ser reconhecido como tradicional.

Somos um maracatu tradicional sim, porque a gente é um Maracatu Nação. Tem vários tipos de maracatus, tem maracatus percussivos, tem maracatu de espetáculo, que faz dança... a gente é um maracatu nação que tem todo o preceito<sup>9</sup>, (para ser um maracatu tradicional) tem que pertencer a uma religião ter um outro formato, forma de costura, adereços, vestimentas, o maracatu nação tem várias coisas para ser considerado tradicional, de nação, diferente de outros maracatus. (ITAIGUARA, 08/12/2021)

Embora no senso comum de nossa sociedade a noção de tradicionalidade esteja associada à de antiguidade, a observação dos maracatus pernambucanos revela que entre as nações criadas nos últimos 30 anos, algumas tiveram muito mais sucesso que outros em serem reconhecidos pelos mais antigos e por observadores integrados ao meio, como tradicionais. Neste caso, deixando clara a distinção entre as nações de maracatu e os chamados grupos percussivos, que surgiram neste período (primeira década do século XXI) sem pretensão de atender aos “critérios de tradicionalidade” que norteiam o debate sobre a definição, de maracatus como “verdadeiros”.

Ao longo do século XX, as comunidades de negros e negras que mantinham os maracatus estabelecem um território cultural, por onde circularam, assim, fixaram sedes e terreiros e cultivaram relações de vizinhança e sociabilidade (solidariedade). “Essas comunidades maracatuzeiras ocuparam esse território à medida que as transformações urbanas os alijavam da região central do Recife, onde se situavam no final do século XIX” (INRC do maracatu nação, p 28)

Maracatu-Nação se define também a partir de uma essência territorial. Pois está no chão, no terreiro, na terra a sua composição identitária. Ser Maracatu-Nação passa por elos comunitários, afetivos e valores partilhados entre as pessoas que o compõem.[...] Aí está o fato de denominar-se “Nação” e não grupo, e é onde podem ser traçadas as fronteiras identitárias entre os grupos percussivos, os grupos estilizados e os Maracatus-Nação. (FERREIRA; ANJOS, 2012, p.12)

---

<sup>8</sup>Utilizo o termo *recente* no sentido de ser uma nação fundada nos últimos 30 anos, ou seja, de 1990 em diante.

<sup>9</sup>Muitas vezes também chamado de resguardo, o preceito é um período de tempo onde se tem determinadas restrições por motivos religiosos, como por exemplo não beber ou não comer determinados alimentos.

“Fazer maracatu implica em um conhecimento desse território, de um ir e vir pela cidade, dos lugares onde estão situados os terreiros daqueles que desfilam no grupo, dos locais de ensaio, das casas onde são confeccionadas as fantasias e adereços, entre outras ocupações cotidianas.” (INRC do maracatu nação, p. 30)

A preservação da memória familiar e da tradição seria então o principal foco do maracatu. Sobre a memória, ela “pode ser tanto individual quanto coletiva, porém ambas em determinado momento se entrelaçam em direção à construção social. A perda da memória social pode representar o fim da identidade de uma sociedade.” (DEGLINOMINI, 2014). Pensando nisso, podemos melhor compreender as seguintes falas:

Eu gosto (de fazer parte do maracatu), pelo fato de ser da minha família, de **representar minha família**, pra mim é uma satisfação. [...] é gratificante porque as pessoas conhecem a história da nossa família é gratificante, a família é grande, a história é boa, é um orgulho pra mim fazer parte do maracatu e da minha família. (MANINHA, 08/12/2021)

A gente tem que deixar esse legado bem aceso, bem forte porque **se não fizer isso a tradição morre**. [...] porque eu to vendo que até dentro da comunidade do sítio tem pessoas que moram lá e não sabem a história de lá mesmo. (ITAIGUARA, 08/12/2021)

Trazendo ainda a questão religiosa, que temos na corte, especialmente no papel feminino, a responsabilidade de proteção trazidos por figuras como a da rainha, primeiramente, e das damas do paço, que protagonizam de certa forma, as obrigações<sup>10</sup>. São essas mulheres que ficam responsáveis pelo cuidado de todo maracatu a nível espiritual (uma importante observação é: são as damas do paço que abrem o desfile ao lado do porta-estandarte), entrando no preceito religioso nas obrigações que precedem o carnaval. Como confirma a dama do paço com a seguinte fala:

O preceito começa no quarto do balé<sup>11</sup> porque as calungas são antepassados, as donas, então tem o preceito do balé pra depois ir pro quarto do santo, tem o resguardo também, então quando começa o preceito a gente que carrega a calunga entra em resguardo junto com elas. [...] pega as calungas, veste elas

---

<sup>10</sup> Obrigação é o termo utilizado para alguns ritos internos do terreiro, onde as oferendas são feitas.

<sup>11</sup> Quarto de balé é o local do terreiro onde se cultua e se faz as oferendas (obrigações) aos ancestrais da casa, diferente do quarto de santo, que é onde ficam os orixás. São locais separados.

de branco, dá o banho de amaci<sup>12</sup>, das ervas e depois veste elas, então tem o preceito [...] Dessa forma todos os participantes, **não todos porque alguns trabalham**, mas participam do preceito, é todo um conjunto. (MANINHA, 08/12/2021)

Ainda sobre a importância da presença feminina no maracatu, ela conta:

As mulheres tem que ir, é bonito, se não for a presença das mulheres não ia ter (maracatu), não ia ter brilho. [...] vai de geração a geração, tem umas meninas que entraram agora que são filhas de primo, filhas de primas e já estão umas mocinhas, aí entraram e **vai passando de geração a geração**. (MANINHA, 08/12/2021)

As obrigações do maracatu inicialmente eram feitas no sítio, após alguns anos passaram a ser feitas no Ilê Iemanjá Ogunté, terreiro também da família, tendo como Ialorixá Mãe Lú, neta de Pai Adão.

As obrigações já foram feitas no sítio, que é a casa matriarca da gente, mas eu fazia muito na casa da minha tia de Iemanjá Ogunté, de tio Paulo Braz, era do meu avô, ficou com tio Paulo e meu pai, babá Jaci. (ITAIGUARA, 08/12/2021)

A relação do maracatu com a autenticidade da tradição se dá então a partir da ligação com a religião, segundo os maracatuzeiros, e as obrigações religiosas fundamentam também a afirmação de tradição e autenticidade. Podemos observar também que “Essa relação dos maracatus com as religiões de matriz africana é histórica, apontada por folcloristas no início do século XX, e demais estudiosos no decorrer do século.” (KOSLINSKI; GUILLEN, 2019, p.149)

### *Para além do carnaval*

“Apesar do carnaval ser constantemente trabalhado como uma festa ligada à espontaneidade e à quebra das hierarquias e da ordem, os carnavais brasileiros, e em especial a festa recifense, possuem uma relação direta com o Estado.”(ANDRADE, 2016) Com a criação de esquemas para regular o festejo popular. A partir dos anos 1970, a Prefeitura do Recife,

---

<sup>12</sup>Banho com ervas consideradas sagradas.

reforça seu interesse pela festa sob a ótica da gestão pública para o turismo. Esta relação entre carnaval e administração pública em Recife encontra seu ápice no início dos anos 2000, com a criação do Carnaval Multicultural do Recife, visando a democratização da festa, a variedade de manifestações culturais tão diversas no estado e a descentralização dos polos de animação. Assim, promovendo shows em todos os bairros e tendo em sua programação a presença das diversas manifestações culturais.

Durante o período carnavalesco, além do momento do desfile oficial que ocorre na segunda-feira de carnaval, o Raízes de Pai Adão ainda participa da Abertura do Carnaval de Recife e da Noite dos Tambores Silenciosos, além dos cortejos nos polos descentralizados.

Uma das grandes preocupações da direção é o pequeno número de batuqueiros na nação, se comparada a outras, então, pensando em atrair novos batuqueiros para a mesma, uma forma que a direção do maracatu encontrou foi oferecer oficinas em colégios e em outros bairros, pois, para além do fato do pequeno número de integrantes no batuque, muitas vezes acontece de alguns batuqueiros saírem do maracatu para outra agremiação ou para outra nação que possua mais destaque e seja maior, já que na região da cidade em que se localiza há uma grande quantidade tanto de nações de maracatu quanto de outras agremiações.

O Raízes de Pai Adão foi um Maracatu fundado sem intenção inicial de desfilar no carnaval, foi feito para fazer apresentações, mas sem intenção de participar em concursos como o desfile oficial de agremiações no carnaval do Recife, mas, no ano de 2003 a nação desfilou pela primeira vez no carnaval, no grupo de aspirantes<sup>13</sup>, em 2006 o maracatu entra na segunda categoria e é campeão, subindo assim para a primeira categoria no ano seguinte (2007) e, conquistando o primeiro lugar, entra para o grupo especial, grupo que o Raízes de Pai Adão, apesar de ser um maracatu recente e pequeno se comparado a outros maracatus antigos, tem se mantido há nove anos. A seguinte fala ilustra bem este fato:

Quando eu cheguei no primeiro grupo ainda foi bom, mas quando a gente chegou no grupo especial a gente se deparou com aquela monstruosidade, a gente viu aqueles maracatus enormes, eu olhei assim... **meu Deus, como é que a gente vai disputar com esses maracatus?** [...] (ITAIGUARA, 08/12/2021)

---

<sup>13</sup> Nos desfiles de carnaval, os grupos são divididos por categorias onde as nações que estão desfilando pela primeira vez entram como aspirantes. Tendo os critérios de julgamento cumpridos, vão subindo de categoria, se atingirem a primeira colocação, até chegarem no grupo especial, que é onde estão os “melhores” maracatus. No grupo especial desfilam nações como Porto Rico e Estrela Brilhante, nações amplamente conhecidas e antigas.

O trabalho social feito pela nação é algo que atinge diretamente a comunidade de forma positiva e merece destaque, o maracatu disponibilizou por anos cursos de computação, dança, corte e costura, cursos que funcionaram até o ano de 2017 e foram interrompidos por questões financeiras, onde o maracatu não pôde mais manter a sede que era alugada, permanecendo o projeto da escolinha de futebol, que atualmente tem sua sede no bairro de Jardim Brasil, em Olinda, além de proporcionar novas perspectivas para os moradores, estas também foram (e são) estratégias encontradas para atrair mais integrantes ao maracatu, permitindo o contato das pessoas da comunidade com a nação e seus integrantes.

Há certa dificuldade financeira para a manutenção do maracatu, dificuldade essa relatada não apenas pela direção do Raízes de Pai Adão, como também por integrantes de outras agremiações, um dos movimentos feito pela direção para manutenção da nação é a realização de inscrições do maracatu em editais possíveis, um deles, foi o que possibilitou a participação do Raízes de Pai Adão na *Celebração da Consciência Negra*<sup>14</sup>, evento promovido pelo Engenho Poço Comprido, que é um museu histórico localizado no município de Vicência - PE. O fato de se pensar na nação como uma “agremiação” que vai além do carnaval, mas também o condutor de cultura, incentiva sua liderança a buscar meio dessa manifestação cultural mostrar um pouco de sua história em vários locais e ambientes, como foi o caso de apresentações que ocorreram no FIG (Festival de Inverno de Garanhuns) 2019, fenearte (em diversos anos) e outros locais, além de festas em clubes próximos ao terreiro. É uma forma de cumprir a proposta narrada pelo diretor, de levar a cultura e história da família a todos, e ainda arrecadar fundos para a manutenção.

[...]Através disso, de a gente **mostrar a nossa identidade , o nosso legado**, colocar na rua uma agremiação, foi isso que a gente queria mostrar e estamos até hoje, há mais de vinte anos que o maracatu está na ativa. [...] o maracatu foi feito para a gente divulgar o legado da nossa família. (ITAIGUARA, 08/12/2021)

---

<sup>14</sup> Primeiro evento realizado de forma presencial no Museu Poço Comprido. Informação presente também no conteúdo sobre o evento, no site do museu, acesso através do endereço eletrônico:  
<http://pococomprido.com.br/13-celebracao-da-consciencia-negra-no-museu-poco-comprido/>

### *Considerações finais*

Considerando a dificuldade que nações de maracatu recentes tiveram em ser reconhecidas enquanto tradicionais, já que o “ser recente” para maracatus pernambucanos é até certo ponto uma desvantagem - neste contexto e a antiguidade é um dos fatores em jogo na obtenção do prestígio ligado à noção de tradicionalidade. - e esta noção de tradicionalidade muitas vezes desempenha um papel relevante na qualificação popular dos maracatus como “verdadeiros” (SANDRONI 2011) podemos perceber através dos relatos trazidos, o reconhecimento obtido pelo Maracatu Nação Raízes de Pai Adão. Consideramos como estes relatos acerca da história do Raízes de pai Adão permitem suscitar reflexões sobre a concepção de tradição a partir da perspectiva de seus membros e como dito anteriormente, sobre o essencialismo identitário. A identidade, produzida pelos fundadores e integrantes do Raízes de pai Adão nos traz o que Munanga fala sobre as identidades, e diz que “Naturalmente, uma identidade que surge como resistência pode mais tarde suscitar um projeto que, depois, pode se tornar dominante no fio da evolução histórica e transformar-se em identidade legitimadora.” (MUNANGA,2003). Desta forma podemos compreender melhor como essas ideias reforçam os valores do grupo e como a trajetória da nação dá sentido à sua existência, assim, localizando os sujeitos e suas ações enquanto protagonistas desta história, trazendo suas falas e como determinadas características afirmam a ideia de tradição.

Assim, identificamos nos relatos sobre o Maracatu Raízes de Pai Adão alguns elementos centrais que compõem esta narrativa identitária. São eles: a centralidade da família, a ancestralidade Africana, a questão religiosa, territorial e a relação com o poder público, mais especificamente com o formato oficial estabelecido para os desfiles de maracatus e com as políticas culturais de turismo e patrimônio cultural ligadas ao terreiro de Pai Adão.

### **Referências**

ANDRADE, Rafael Moura de. *A política multicultural no carnaval do Recife: democratização, diversidade e descentralização*. Recife, 2016. 106 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/20049> Acesso em: 10/05/2022

BASTIDE, Roger. *Imagens do Nordeste Místico em Branco e Preto*. Rio de Janeiro: O cruzeiro, 1945. 248 f.

BRANDÃO, Maria do Carmo T. *Xangôs Tradicionais e umbandizados do Recife: organização e economia*. São Paulo, 1986. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio De Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 228 f.

CARVALHO, Frederico Lyra de e SANDRONI, Carlos. *Controvérsias Sobre Práticas e Transformações Musicais: concepções de tradição no maracatu pernambucano*. In Congresso de Iniciação Científica da UFPE - CONIC, XIX, 2011, Recife, Anais CONIC.

COSTA, Inês Felipe Gonzaga da. *Maninha*. Entrevista a autorx, Recife, 8 de dez. 2021. áudio. 20 minutos. Não publicada.

COSTA, Itaguara Felipe da. *Itaguara*. Entrevista a autorx, Recife, 8 de dez. 2021. áudio. 40 minutos. Não publicada.

DEGLINOMINI, Liziani de Souza. *O uso da memória como meio de preservação da história e da cultura social*. Santa Maria, 2014. 31 f. Monografia (Especialização em Gestão de Arquivos). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/11711> Acesso em: 02/05/2022

DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO: Inventário Nacional De Referências Culturais – INRC do Maracatu Nação. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE\\_MARACATU\\_NA%C3%87%C3%83O.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf) Acesso em: 20/08/2022.

FERREIRA, Cleidson Leite. ANJOS, Rafael Sanzio Araújo. Território dos Maracatus-Nação de Pernambuco: Interpretação preliminar. - *Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território*, v.3, n.1 (2012), 46:80 p., 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/ciga.v3i1.22253> Acesso em: 02/05/2022

GUERRA-PEIXE, César. *Maracatus do Recife*. São Paulo: Irmãos Vitale, 1980. 171 f.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. In: *Educação & Realidade*, 22(2), 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361> Acesso em: 21/05/2022

KOSLINSKI, Anna Beatriz Zanine; GILLEN, Isabel Cristina Martins. Maracatus-nação e a espetacularização do sagrado. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 39, n.1, p. 147:169, 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/333147221\\_Maracatus-nacao\\_e\\_a\\_espetacularizacao\\_do\\_sagrado](https://www.researchgate.net/publication/333147221_Maracatus-nacao_e_a_espetacularizacao_do_sagrado) Acesso em: 05/05/2022

MAC CORD, Marcelo. A problemática das «origens» do maracatu nação. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p. 7-16, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/12594> Acesso em: 05/05/2022

MUNANGA, K. Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania. Ação Educativa, ANPED. Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica-SP. 2003. <http://www.acaoeducativa.org/kabe.PDF>. Acesso em: 03/09/2022

OLIVEIRA, Jailma Maria. “... QUEM MANDA AQUI SOU EU!” Rainhas Coroadas nos Maracatus Nação Pernambucanos: inversões de papéis e rupturas nos espaços de poder. *REIA- Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, Recife, v. 4, n. 1, p.: 132-152, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/230029> Acesso em: 10/05/2022

SANDRONI, Carlos. *Tradicionalidade e suas controvérsias no maracatu de baque-virado*. In Anais do VI Encontro Nacional da ABET, Belém, 2011, p.101-107.

SILVA, Nadijja Carmo Domingos da; OLIVEIRA, Jéssica Silvestre de Lira; CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. O terreiro Obá Ogunté e Ilê Axé Oyá Meguê: Modernidade e Tradição. In: IV Colóquio de História da UNICAP, IV, 2010, Recife, Anais do IV Colóquio de História da UNICAP, Editora Universidade Católica de Pernambuco 2010, p. 671 - 683. Disponível em [http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/?page\\_id=42](http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/?page_id=42) Acesso em: 06/05/2022

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. 2ª edição, São Paulo: Contexto, 2009. 439.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Thomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7 – 72.